



Caderno de Cultura Nódoa no Brim

APERITIVOS DAS REMINISCÊNCIAS DO PÁSSARO VIM-VIM

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira (PPGEL UNEMAT)



Este é um convite à leitura da produção de Natalino Ferreira Mendes (1924-2011), o historiador, poeta e educador cacerense que eternizou não apenas a historiografia local, mas a singular maneira de ver e sentir o espaço e os seus habitantes. Intentamos jogar os refletores sobre uma produção literária importante na difusão da literatura e da cultura escrita em Mato Grosso, no oferecimento de aperitivos ao leitor, na ânsia de que essa poética seja degustada com a perenidade do canto do pássaro *vim-vim*, pois mais que uma poética regional, a produção em foco visa apontar que o mundo inteiro pode estar contido num grão de areia, como diria Rubem Alves (2008).

A obra *PÁSSARO VIM...VIM: Poesias da Terra* (2010), de Natalino Ferreira Mendes, permite um passeio literário e cultural pela cidade de Cáceres, Mato Grosso. Privilegia as reminiscências do poeta com as percepções das imagens que colheu e eternizou em seus registros escritos. É uma produção que contém sessenta e três poemas, distribuídos nas oitenta e uma páginas do livro, seguida por apreciações de amigos, pesquisadores e educadores. Com isto sendo dito, enfatizamos que, nesse breve espaço, não almejamos analisar a obra, já que um trabalho como este requer uma árdua atividade de transpiração, mas um incitar para que estudos possam surgir no viés de difundir a literatura da nossa gente.

Pássaro “Vim... Vim...”

Natalino Ferreira Mendes

Ele chega de improviso
Assobiando sôfrego
- “vim... vim...”
Repetidamente.

Quem será?
Um filho ausente?
amigo
ou parente?

...
O tempo passou,
o mundo mudou,
eu mudei...

Minha mãe dizia emocionada,
Mudando levemente o trino:
- “vem... vem...” está cantando,
Alguém vai chegar...



A avezita não diz quem
ou o que está para chegar.
Pode ser também
apenas uma carta,
que o correio veio trazer.

Mas o pio do “vim...vim...”
não variou.
É sempre o mesmo.
não importa que a modernidade
lhe tirou o encanto
das mensagens cifradas
que trazia aos lares crentes
de antigamente.
Insiste...anunciando
- no seu pio –
que algo novo virá
nas asas da esperança.

MENDES, Natalino Ferreira. **Pássaro Vim...
Vim: Poesias da Terra.** Cáceres-MT:
Editora UNEMAT, 2010

Caderno de Cultura
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**
O DIA-DEI DA NOTICIA
ISSN 2238-6467

UNEMAT Universidade do Estado de Mato Grosso em Estudos Literários
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários **PPGEL**

EDITORES

Walnice Vilalva é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Samuel Lima da Silva é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários- PPGEL.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras e possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

site: <http://www.nodoanobrim.com.br/>
e-mail: wdiaspino@gmail.com
ENDEREÇO
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II - Tangará da Serra - MT CEP: 78300-000
Fone (65) 3326-4724 Fax 3326-6501

APERITIVOS DAS REMINISCÊNCIAS DO PÁSSARO VIM-VIM

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira (PPGEL UNEMAT)

alterando o con-tato entre os seres humanos.



Optamos pela transcrição integral do poema - *Pássaro Vim... vim...*, título do livro e de um dos poemas (p. 08) que compõem a coletânea e com o qual pretendemos ofertar aperitivos ao leitor. Objetivamos enfatizar que, mesmo na ligeireza da vida moderna, há a eterna perenidade de seres que deixaram ecos, que com-partilharam sonhos e esperanças pela via da poesia, os quais elevam os elementos do cosmo. A poesia foi a forma encontrada pelo poeta para sair de si mesmo, a fim de ver melhor a sua ilha, como diria José Saramago, e mais que isso, pode ser o sonho que o manterá vivo, a utopia em encharcar de êxtase e sentidos outros seres humanos que trazem consigo o princípio esperança.

O termo *reminiscência* vem do latim *reminiscentia* e significa “aquilo que se guarda na memória”. De acordo com Platão (filósofo grego que viveu no século XIX), significa uma recordação gradativa que o ser humano adquire das ideias e das coisas que contemplou em estado original. Porém, vale ressaltar que a pretensão é apresentá-la como aquilo que o poeta viveu e o fez viver, ou seja, memórias que exalaram sentidos recheados de liricidade e ética, mais especificamente componentes que permeiam a produção lírica. Isto significa dizer que trata-se das coisas do seu chão, enlaçadas à inconclusão do ser, das possibilidades de *ser mais*, de encontrar os seus inéditos viáveis, como diria o exímio educador Paulo Freire (1996).

O poeta apresenta, por meio de metáforas, a dinâmica da vida em movimento, ao realizar a união entre a natureza e o ser humano na imagem perene e, ao mesmo tempo, efêmera do pássaro. Esta imagem traz à avassaladora mudança sofrida pela sociedade com a chegada da vida moderna. Os versos “Mas o pio do ‘vim... vim...’ não variou”, apontam que com todas as alterações sofridas tanto pelo mundo, quanto pelo ser humano, existe a perenidade em alguns elementos da natureza, os quais, muitas vezes, passam despercebidos, mas são os principais responsáveis por transmitir ao ser humano a *verdadeira* essência da vida e do viver.

O fragmento: “não importa que a modernidade lhe tirou o encanto das mensagens cifradas que trazia aos lares crentes de antigamente”, destaca que o pássaro manterá para sempre o seu canto, pois a mãe atribuía ao canto do pássaro certo presságio do que viria a acontecer quando recebia a sua visita alvissareira. Há uma comparação implícita entre o canto do pássaro e o chamamento da mãe, que nos incita a ver a imagem da mesma a imitar o pio do “vim...vim...” apenas com a troca nos vocábulos “vem... vem...”, um jogo entre a chegada e o acolhimento, característica reverenciada ao povo cacerense, dado o espírito hospitaleiro. O poeta brinca com as palavras ao apresentar traços das peculiaridades, tanto do pássaro quanto do povo cacerense, representado na figura da mãe.

Apregoa ao pássaro a característica de mistério na quarta estrofe, o que denota maior curiosidade àqueles que recebem a visita inesperada do pássaro (“Ele chega de improviso”), bem como destaca a incerteza se será mesmo uma visita ou “Pode ser também apenas uma carta, que o correio vai trazer”. Neste verso, o poeta nos reporta a tempos passados em que a carta era um meio de comunicação importante e difundido entre as pessoas, porém, com a chegada da modernidade, veio os messengers, whatsapp, emails, facebook, entre outros meios mais rápidos de comunicação,

Ao apresentar o vocábulo *contato* separado por hífen queremos aguçar a percepção de que os meios de comunicação acelerados possam ter tirado do ser humano certa magia que envolvia o ato de preencher uma folha de papel em branco, o tato com as coisas, os momentos de ócio para reflexão sobre o receptor, o tempo doado ao outro no simples ato de encaminhar o registro a um remetente específico. Com essas percepções nos reportamos, novamente, ao terceiro, quarto e quinto versos da quarta estrofe: “Pode ser também apenas uma carta, que o correio veio trazer”, o vocábulo **apenas** parece carregado de sentidos, o jogo metafórico entre muito e pouco é sugerido de modo a incitar no leitor que as coisas simples do passado deixaram de ter importância na vida moderna.

Ao compararmos o poeta ao pássaro percebemos o quanto há de semelhança entre os dois, ser humano íntegro que viveu a cantar as belezas do seu lugar. Tal aliança é visível, especialmente ao considerarmos que é necessário insistir na crença de que é possível uma sociedade mais humana e ética; utopia que depende de cada um, na capacidade de se perceber na beleza da vida cotidiana o alto grau de poeticidade e esperança.

De acordo com Octavio Paz em sua obra *Signos em Rotação* (1996), a poesia sempre foi uma tentativa de unir os dois polos, interno e externo, para encontrar a presença na ausência, ou seja, é a procura incessante dos outros eus, necessária descoberta da outridade; de perceber quem somos outros, sem deixar de ser nós mesmos, portanto, não uno, mas plurais. O ser humano não se finda nele mesmo, como diria o poeta Manoel de Barros (2010) “somos rascunhos de pássaro”, ou podemos ser a representação do próprio pássaro se ousarmos voar, sair de nós mesmos para a construção de outros mundos, como a ousada passagem do “pássaro vim...vim...”, reconfigurando, desta forma, o rascunho em arte final com as limitações inacabáveis de cada um.

Deixaremos o leitor com a esperança de que solva vagarosamente o sabor desse aperitivo, compreendendo que os poemas apresentam a complexidade e diversidade que se encontram na formação identitária do ser humano/mundo e que, portanto, eis um poeta que pode aguçar esta sinestesia. Para Octávio Paz (1996), a sociedade/ou sociedades não pode sobreviver sem reivindicar alguma coisa que seja a visão do absoluto, íntegro, aberto ao múltiplo. Significa dizer que a avalanche de configuração dos eventos, histórias, poetas, tradições é a rotação dos signos que contribuem na formação dos seres humanos. Assim, reportarmos a Olga Maria Castrillon-Mendes (2010), no prefácio do livro do poeta, ao abordar que:

“Os poemas do Pássaro vim-vim são chaves que (inter)penetram palavras plurais, classificando ideias e definindo um certo tom de diálogo com a memória do leitor. Assim, modulam as frequências do coração em profusões telúricas de modo que não é de saudade que fala, mas de resíduos de lembranças que estão coladas nos (com)passos da vida”.

A poesia, a história e a sociedade são impulsionadas por forças aleatórias que as colocam sempre em movimento de espiral, ora fundindo-se, ora divergindo-se, mas sempre complementares, indissociáveis, em rotação (PAZ, 1996). Trata-se de um sistema em constante movimento, que não se aceita fixo, imóvel, mas atua como águas corredoras que contornam os obstáculos e criam suas válvulas de escape, muitas vezes, envoltas na liricidade e dinamismo do processo criador autor-leitor.

Fechamos, por ora, as cortinas com a utopia de que outras se abram para dar continuidade ao espetáculo proveniente das palavras literárias do pássaro/poeta, Natalino Ferreira Mendes. Como destacou Luís César Castrillon Mendes (2010), ao descrever suas apreciações sobre os poemas do autor: “a imutabilidade de seu pio garantirá sempre que algo novo virá nas suas asas da esperança”.

Até o Fundo, de Nicolas Benamou: Vasculhando a Vida Pelas Brechas do Cotidiano

Ivana Ferigolo Melo (UNEMAT)

A viagem transcorre aparentemente bem até que o carro, que fora programado para andar a 130 km por hora, trava nessa quilometragem e o motorista, o pai da família, não consegue desprogramá-lo. Com os nervos a flor da pele, o pai liga do celular para a loja onde comprara o carro, mas não tem êxito. Preocupado em atender outros clientes, em bater metas de venda e reproduzindo um discurso artificial e programado, o homem que vendera o carro vermelho não aporta qualquer ajuda à desesperada família. Refém de uma tecnologia que não funciona, a família é forçada a permanecer no carro enquanto ele rapidamente se move.

Nervosíssimos com a impossibilidade de pararem e de deixarem o veículo, os membros da família começam a discutir e, agressivamente, compartilham experiências e segredos nunca antes revelados. A desagradável circunstância, que lhes força a permanecerem juntos por um bom tempo, possibilita que se conheçam mais profundamente, mesmo que de forma conflituosa. *Até o fundo* apresenta-se, assim, como uma maravilhosa e divertida trama cinematográfica. Mas não só isso! Mostra-se uma ótima alternativa para refletirmos sobre os distanciamentos humanos, as rasas, vazias e frias relações que a sociedade contemporânea, a da valorização excessiva da tecnologia, da aparência e do fator econômico, gera.



O filme *Até o fundo* (2016), do diretor francês Nicolas Benamou, é uma inteligente comédia. Apresenta e esquadrinha aspectos marcantes e recorrentes da vida e da realidade na qual estamos inseridos, tais como: a aceleração existencial, a pouca interação presencial tanto no âmbito familiar como no mundo social e dos negócios, os benefícios e os problemas da alta tecnologia. A trama começa quando um pai de família, em posse de um novíssimo e altamente tecnológico carro vermelho recém comprado, inicia, apressadamente, uma viagem de férias com a família.

Livro de Cabeceira

Estive Lá fora

Walnice Aparecida Matos Vilalva (PPGEL/UNEMAT)



“Entre o impulso do corpo e o salto para baixo, nesse tempo mínimo, Cirilo se despede das coisinhas pequenas, sem significado aparente. Os olhos, doentes de tudo querer ver, enxergam aguapés na correnteza lamacenta e flores semelhantes ao lótus. Sujeira borra as pétalas aquáticas e refaz lembrança de outros rios e flores, num lampejo de gosto pela vida”. Leitura indicada para curso de Literatura contemporânea neste semestre, *Estive Lá fora*, de Ronaldo Correia de Brito, traz Cirino no alto da ponte da Madalena em Recife, imerso em suas memórias, nas águas lamacentas do Capibaribe, no impulso desejado pelo corpo em deixar-se em salto. A narrativa imprime o desejo suicida, a força da opressão em contexto militar no Brasil dos anos 60. Imprime uma história familiar, conciliada e repartida pela perda, pelos desenganos e pela solidão.

Estive Lá fora é a indicação do Núcleo para Livro de Cabeceira. Boa leitura!!